

CAPÍTULO 9

UM OLHAR AS CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RUA DO BRASIL E DA COLÔMBIA (1970 -1980)

Data de aceite: 01/11/2021

Data de submissão: 06/08/2021

Carlos Alberto Moreno-González

Universidade Federal de Juiz de Fora,
Programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais
Juiz de Fora – Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/2695137040406878>
<https://orcid.org/0000-0003-3920-1881>

RESUMO: No presente artigo expõe-se as reflexões sobre as abordagens históricas das crianças de rua no Brasil e na Colômbia durante os anos de 1970 e 1980. As questões desenvolvidas aqui visam refletir sobre essa infância que não se enquadra nos contextos específicos em que cada criança deve se adaptar, sendo esta uma realidade constante no Brasil e na Colômbia pelas décadas apresentadas, em que a presença de crianças na rua é comum. Aspecto que nos leva a mergulhar nas outras infâncias que sempre estavam presentes no cotidiano de nossas sociedades, crianças em situações de rua. Quando se fala de crianças em situação de rua na Colômbia, estamos nos referindo ao *Gamín*, assim como no Brasil se faz menção ao *Pivete*, esclarecendo que o uso desses termos fazem parte das expressões usadas no período de estudo proposto para se aludir a essas crianças em situação de rua, meninos e meninas entre 5 e 12 anos de idade, que perambulam pelas ruas, sujos e despenteados, dormindo em portas ou espaços públicos onde a noite os encontra.

Quanto ao processo metodológico, pretende-se enquadrar determinados métodos de pesquisa, propondo a historiografia que através da análise das fontes documentais escritas, como pesquisas e trabalhos de campo desenvolvido no recorte estabelecido, o que permitiu rever as considerações teóricas que sustentam a análise da informação, observação e descrição das condições das crianças em situações de rua. Em suma, com este artigo, procura-se reconhecer o impacto da história sobre a concepção que se tinha da infância, além de permitirmos destacar as diferenças e semelhanças dentro de seu processo histórico e cultural vislumbrando a conexão íntima entre os problemas da infância e as diferentes estratégias de atenção a essas questões que decorrem das políticas públicas de atenção à infância e que afetam a concepção da infância.

PALAVRAS-CHAVE: Infância, Crianças em Situação de Rua, Rua, Marginalidade.

A LOOK AT STREET CHILDREN FROM BRAZIL AND COLOMBIA (1970 -1980)

ABSTRACT: This article presents the reflections on the historical approaches of street children in Brazil and Colombia during the 1970s and 1980s. The issues developed here aim to reflect on this childhood that does not fit in some specific contexts in which each child must adapt. The above is an unceasing reality in Brazil and Colombia for the decades studied in this research, in which the presence of children on the street is a common aspect that leads us to immerse ourselves in other childhoods that were right here in the daily life of our societies, children in street situations.

However, when we denote childhood in the streets in Colombia, it is usual for people to refer to them with the term '*Gamín*', as in Brazil we identify the concept '*Pivete*'. It is necessary to bear in mind that the uses of these terms are part of the expressions used during the development of the study. The previous concepts describe boys and girls between the ages of 5 and 12 years old, who wander the streets, dirty and unkempt, sleeping in front of houses or public spaces where the night finds them. Regarding the methodological process, it is intended to frame certain research methods such as historiography. We reviewed the theoretical considerations based on the analysis of written documentary sources, such as research and fieldwork developed during the time shown. The above supported the exploration, observation, and description of street children. Eventually, this research project seeks to recognize the historical impact on the conception of childhood. Besides that, highlighting the differences and similarities within its historical and cultural process, glimpsing the intimate connection that exists between the childhood problems and the diverse strategies to attend these issues that arise from public policies of child care and that affect the conception of childhood.

KEYWORDS: Childhood, Street, Street Children, Marginality.

1 | INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre as crianças de rua na maioria dos casos, pensamos num grupo homogêneo de meninos e meninas, no entanto, com as várias pesquisas e estudos desenvolvidos, verificou-se que as crianças de rua são uma população com diferentes características, dinâmicas e problemáticas. O fenômeno das crianças e adolescentes que fazem as ruas seu habitat tornar-se seu espaço em que devem sobreviver, não é algo novo na realidade latino-americana, ao contrário, é um dos problemas confundidos com as dinâmicas de industrialização e urbanização tardias e desordenados, presentes em grande parte dos países da região (GOMES DA COSTA, 1997).

Durante as décadas de 1970 e 1980, as crianças que estavam nas ruas das grandes cidades eram conhecidas como menores abandonados, órfãos, desprovidos, com problemas comportamentais e modos antissociais, geralmente uma percepção dada às crianças pobres que percorriam as ruas, depois de não ter laços familiares, uma vez que suas famílias foram caracterizadas pela disfunção e desorganização, com famílias em que, na maioria dos casos, há uma história de violência (GOMES DA COSTA, 1997; MACIEL, BRITO & CAMINO, 1997; RIBEIRO, 1987; ROSEMBERG, 1994).

Neste escrito, discutiremos alguns dos principais aspectos que atingem a problemática das crianças em situação de rua, a partir de algumas pesquisas sobre os chamados "meninos e meninas de rua" (Pivetes e trombadinhas) do Brasil e os "Gamines" ou "chinos de la Calle" da Colômbia, durante a década dos anos 1970 e 1980, uma vez que, de acordo com informação utilizada, mostra-se que há mais semelhanças do que pode-se imaginar, em particular, na forma como cada sociedade observa, descreve e interpreta esse fenômeno.

Inicialmente se apresentam as mudanças na denominação das crianças em situações

de rua, pois desta nova representação é introduzida outra maneira de ver, compreender e intervir a realidade pessoal, social e familiar deste segmento da população infanto-juvenil e, posteriormente, a reconstrução de algumas realidades em que são determinadas como categorias de análise a partir da perspectiva das crianças em situações de rua, entre as estabelecidas: o panorama social e econômico, representação de crianças rua, resenha das famílias e a rua como habitat, tentando conhecer detalhadamente as realidades pesquisadas durante as décadas de 1970 e 1980, períodos em que a problemática da infância marginalizada é considerada um problema na perspectiva do Estado e suas instituições a partir do momento em que as ações destas crianças começam a afetar a ordem instituída, com base em situações de violência e crime geradas por condições extremas de sobrevivência às quais as populações pobres do Brasil e da Colômbia foram expostas.

2 I COMO ERAM CHAMADAS AS CRIANÇAS DOS ANOS DE 1980

O termo Pivete é referenciado ao falar sobre crianças brasileiras abandonadas, marginalizadas e desprotegidas, sendo uma expressão estigmatizante, que destaca a figura emblemática das crianças de rua. Assim, a palavra “pivete” é originalmente usada para se referir a crianças de rua que eram responsáveis por furtos e outras infrações. É difícil especificar a origem da palavra “Pivete”, de acordo com Del Priore & Venâncio (2010), “a expressão ‘pivette’ (erva daninha) - é designação do francês, a linguagem da moda, para crianças de rua” (p. 161), esta afirmação aparece quando os autores falam sobre o espaço urbano colonial de 1889, em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Belém e Fortaleza, mais conhecida como a era de “bota abaixo”, mais especificamente o espaço urbano colonial resultante da adaptação da arquitetura portuguesa que levou à remodelação e, como consequência, o despejo de milhões de famílias pobres, a maioria da população de negros e mulatos, expulsando-os das áreas centrais, então a mesma cidade que se modernizava foi quem inventou a “favela”, um conceito que também nascerá nesta época.

As crianças de rua na Colômbia, até o final dos anos de 1980, seriam conhecidas como “Gamines” ou “chinos de la Calle” uma das interpretações que seria feita sobre o gaminismo, referindo-se a uma forma concreta de vida, resultado da assimilação de alguns princípios de organização por parte de um grupo de meninos cujas características eram estar fora da influência dos adultos (MUÑOZ & PACHÓN, 1980). A palavra Gamín, na Colômbia, alude à criança indigente que habita as ruas, é uma palavra que vem dos franceses, “petit garçon qui passe sont temps à polissonner dans les rues” (BEYLE, 2005).

É importante notar que, ao contrário da Colômbia, onde as crianças ou menores de rua foram conhecidos há muito tempo como “gamines”, no Brasil, os menores como mencionaremos mais adiante, foram chamados de “meninos de rua”, as expressões, Pivete

ou trombadinha, foram usadas de forma esporádica e de maneira mais pejorativa.

3 I AS RUAS E ESSAS CRIANÇAS QUE AS HABITAM

É importante sublinhar que o tema abordado, pretende refletir sobre essa infância que não se encaixa nos contextos adequados em que cada criança deve estar, no entanto, uma das realidades presentes no Brasil e na Colômbia é a presença de crianças nas ruas, o que nos leva a aprofundar em outras infâncias que sempre estiveram presentes no cotidiano de nossas sociedades.

Muitas vezes, uma das descrições encontradas sobre as crianças em situação de rua está carregada de preconceitos e controvérsias, uma vez que essas crianças geralmente são descritas como marginais e anormais, nas palavras de Koller (1994), com roupas descuidadas, falta de higiene, desempenho de tarefas humildes ou o fato de não estar na escola ou sem a companhia de um adulto, dando a essas crianças um aspecto de abandono, passando essas crianças e adolescentes a serem considerados violentos e criminoso, de acordo com Aptekar (1996, p. 12) “[...] o viver na rua é um fenômeno que sinaliza a existência de uma patologia social e que gera a nível individual, como subprodutos: patologias, adições, violência e dependências.”

O panorama anterior nos permite entender como a representação social da criança de rua é carregada com valores negativos e que são referidos através dos diferentes problemas relacionados a essas crianças e que são aspectos pelos quais são considerados em uma situação de risco. Há poucos estudos que descrevem as crianças de rua como seres humanos em desenvolvimento que possuem algumas características de psicologias saudáveis, apesar do ambiente hostil em que estão imersos, neste sentido Koller & Hutz (1996), citando Giamo e Grumberg (1992) aponta que, “contrastam os achados da literatura que descrevem crianças em situação de rua como seres vulneráveis, fracos, amedrontados e necessitados de proteção [...]” (p. 13).

É a partir de meados de 1980 que começa a espalhar uma nova maneira de chamar às crianças que estavam na rua, é realmente a consolidação dessa expressão porque, como referência, Rizzini & Rizzini (1991), desde 1979 essa denominação é usada em alguns trabalhos de pesquisa, passando a serem chamados de “meninos de rua”, acrescenta-se que a maioria é de sexo masculino, variando de 7 a 12 anos, com predominância de idade de 9 anos.

Da mesma forma, de acordo com alguns autores expostos, faz-se uma distinção conceitual entre as crianças da e nas ruas, em relação às crianças de rua, composta de crianças e adolescentes que não possuem laços familiares, ou seja, que abandonaram ou foram abandonadas por suas famílias e para quem a rua representará seu local de residência, trabalho, lazer e onde estabelecem seus relacionamentos emocionais, enquanto as crianças na rua são compostas de meninos que estão a maior parte do dia na rua,

trabalhando, esmolando e usando os lucros obtidos para sua própria sobrevivência e o de suas famílias.

Juárez, Fausto & Acervini, (1996), com base em seu trabalho de pesquisa, Crianças de rua: um estudo das suas características demográficas apresenta uma definição fenomenológica das crianças da rua, afirmando:

Crianças de rua são aquelas que freqüentam [sic] as organizações de atendimento a crianças de rua. Esta definição, embora simplista, refere-se diretamente àquelas crianças que a sociedade reconhece como em situação fora do normal, de acordo com as expectativas de papéis sociais segundo idade e gênero, nos quais as crianças deveriam se manter como dependentes familiares, dedicando-se a brincar e estudar. Na realidade deparamos com o fato de que nem todos os menores são dependentes e dedicam-se a brincar e estudar: têm que cobrir funções familiares dentro ou fora de casa. (p. 94)

Nesta perspectiva, os autores apresentam as seguintes características das crianças da rua: a) Gênero e idade, confirmam que há um grande número de indivíduos de sexo masculino, bem como o que as meninas são mais velhas em comparação com os meninos; b) Condição migratória, é uma das características que normalmente se diz estar associada à condição da criança de rua, no entanto, diante dessa condição, Juárez, Fausto & Acervini (1996), destacam que é uma “interpretação simplista da inter-relação entre a população e a transformação social, resultado da teoria da modernização, tendo sido rejeitada pelas evidências geradas pelo estudo da história familiar (Hareven, 1987: VIII) e aqui questionada mais uma vez “ (p. 94); c) A ruptura da residência conjunta com a mãe, aqui presume-se que as crianças são abandonadas pelas mães ou, em alguns casos, a negligência delas leva à separação de seus filhos, no entanto, embora a presença das crianças da rua, não é explicado o porquê, não moram com a mãe, deduz-se que o principal motivo que leva as crianças a sair da casa é trabalhar e não como era suposto, deixar de morar com a mãe; d) O trabalho é a principal atividade das crianças, a maioria deles começa a trabalhar entre 5 e 9 anos.

Lucchini (2003), assegura que não é fácil chegar a uma tipificação e definição das crianças de rua, portanto, citando Cosgrove (1990), menciona que o termo “criança de rua” refere-se a esta infância e onde essas crianças se reúnem, ao contrário de definir um conjunto comum de características de um único grupo de jovens abandonados e abusados, sendo “crianças de rua” das categorias que, no sistema de classificação adotado pelo UNICEF, se refere a crianças em risco, sendo então a principal variável de classificação, o grau de contato que existe entre a criança e sua família.

Logo, as “crianças de rua” não podem ser definidas unicamente com base em critérios como a presença e a permanência na rua ou a ausência de relações com os membros da família, uma criança não se torna uma criança da rua de um dia para outro, mesmo quando ela é expulsa de sua casa ou quando ela a abandona abruptamente, embora estar na rua por um longo período de tempo é um critério importante para distinguir “crianças de rua” de

outras crianças, não é um fator determinante para identificá-los como uma categoria social específica (Lucchini, 2003).

4 | REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM SITUAÇÃO DE RUA

Nas representações sobre as crianças em situação de rua, que se destacam durante 1970 e 1980 no Brasil, as diferentes pesquisas apresentam duas, na primeira, as crianças de rua foram identificadas como vítimas que querem ser resgatadas de um ambiente hostil, explorador e adverso, já no segundo, manifesta uma infância como um sobrevivente ativo que está em constante luta por uma maneira alternativa e viável de atingir a idade adulta, sem deixar a sensação de ser uma criança, expressa em suas relações diárias (NEIVA-SILVA & KOLLER, 2002; RAFFAELLI, 1996).

Entre as classificações feitas sobre as crianças que estão nas ruas, encontramos de acordo com Ferreira (1979), que podem ser categorizados como jovens, crianças, menores, indiferentemente, achando frequentemente, no mesmo grupo, crianças de 3 ou 4 anos até jovens com a maioria de idade legal, assim como comportamentos que não se esperaria encontrar em crianças em situações normais, como a capacidade de se organizar no trabalho ou a facilidade de manipulação de dinheiro.

Siqueira (1997) apresenta uma pesquisa cujo objetivo foi explicar o comportamento infrator dos adolescentes, a partir de um trabalho com 116 crianças e adolescentes institucionalizados em Natal, entre 1979 e 1981, como parte desse estudo, eles se preocuparam por mostrar como a criança foi percebida dependendo de sua origem social, através de entrevistas com diferentes pessoas que atravessaram pelos pontos de permanência das crianças da rua, mostrando que a mesma criança poderia suscitar compaixão, medo, desgosto, repulsão e desejo de ajuda-lo.

A partir das representações feitas das crianças em situação de rua na Colômbia, especificamente dos gamines, encontramos diferentes narrativas como salienta Rojas (1996), “[...] a filosofia do *gamín* revela a passagem cotidiana de um povo que vive a aventura sustentada pelo caos, a ingenuidade e o descaramento de uma sociedade humilhante que reflete sua voz e sua sombra contra o futuro próprio de seus filhos” (p. 8).

Do mesmo modo, Muñoz & Pachón (1980) afirmam que “o *gamín* não é um menino”(p.124), as autoras para explicar essa afirmação tomam os postulados de Ariès, destacando que esse conceito varia historicamente, fazendo uma diferenciação dele, onde surge gradualmente como consequência da mistura e identidade da criança com os adultos, a nova entidade social que se chamará: criança, portanto, para se referir à criança *gamín*, as autoras afirmam que “[...] estas crianças adultas são o produto de uma sociedade injusta que exige comportamentos diferentes de seus membros, dependendo de sua posição dentro de um esquema de posse e não dentro de um esquema de possibilidades e necessidades” (p. 125), assim como Jimenez (2012, p. 86), referência a crianças abandonadas, afirmando

que “O *gamín*, era apenas o sinal mais visível e marcante de um estado irregular da infância que merecia toda a atenção. E a sociedade tinha a responsabilidade e o dever de resolver o problema em estreita colaboração com os órgãos institucionais filantrópicos e assistenciais do Estado [...]”

Assim, de acordo com Jimenez (2012), uma das representações desta infância será a da criança que não possui proteção afetiva, econômica e social, com características em seu comportamento, como instabilidade e rejeição de normas sociais da família, de modo que, por sua vez, será rejeitado pelo ambiente social; até o final de 1970, o *gamín* será facilmente reconhecido como um menino errante, sem laços familiares fortes, com capacidade para formar grupos ou bandas opostas à adultos, chegando a intimidar e, portanto, ser rejeitado por um alto índice da sociedade.

5 I AS FAMÍLIAS DAS CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RUA

O relacionamento com a família sempre foi considerado um dos principais fatores a serem considerados na descrição das crianças de rua, que são vistos como aqueles que deixaram suas casas ou foram abandonados por suas famílias, como relatado, Neiva & Koller (2002), dificilmente observa-se que as crianças de rua mantêm um vínculo familiar harmonioso e estável, uma vez que, como um dia eles estão com sua família, eles podem facilmente encontrar-se na rua sem nenhum laço familiar, sendo geralmente um processo lento e gradual.

Como elemento comum entre as caracterizações das famílias das crianças de rua, tanto no Brasil quanto na Colômbia, destaca-se que as crianças e adolescentes de rua provêm de famílias com configurações diferentes, geralmente a dinâmica familiar desse grupo populacional se desenvolve em torno da liderança da mãe, sendo famílias monoparentais, em que o pai está ausente por várias razões, na maioria dos casos, a participação do pai no grupo familiar é percebida como superficial, esporádica e sem muita relevância afetiva. Da mesma forma, as crianças que vivem com o pai e a mãe, mostram dificuldades em torno da figura do pai, caso contrário, com respeito à figura da mãe, pois este modelo representa um vínculo importante para os membros da família (YUNES ET AL., 2001; MORENO, 2017; MUÑOZ & PACHÓN, 1980).

Também deve ser mencionado que as famílias têm um baixo nível de educação, analfabetismo e falta de formação profissional, o que leva a vínculos com setores economicamente menos produtivos, a instabilidade do trabalho, juntamente com a intermitência ou o desemprego, são frequentes nessas famílias, em termos de sua dinâmica familiar, pode-se dizer que eles estão transtornados, especificamente pela ausência do pai, sendo o seguinte algumas das razões que o autor apresenta, como a morte, o alcoolismo, o abandono do lar, a prisão, o abuso de drogas, quando a ausência é da mãe, os motivos que se expõem são a morte, o abandono, a prostituição, a psicose e a prisão, o que finalmente

leva à configuração de famílias recompostas, sendo relevante a presença do padrasto ou madrasta com ou sem outras crianças (ALVES-MAZZOTTI, FAUSTO & CERVINI, 1996; GRANADOS, 1976; VIOLANTE, 1984).

Mencionam-se também o status de migrante das famílias de crianças brasileiras que trabalham e daquelas em situação de rua, onde a origem rural das famílias se destaca, migrando para os centros urbanos, apresentando dificuldades de adaptação (VOGEL & MELLO, 1991), da mesma forma se descreve que uma das características das famílias dos gaminos colombianos é que eles são principalmente parte das migrações internas, resultado das divergências entre o processo de urbanização e industrialização que gerou um desequilíbrio não só no que diz respeito à localização das fontes de emprego, mas afetou tudo relacionado aos serviços do Estado, alcançando o fenômeno migratório já mencionado e motivado em parte pela ideia de que “na capital se mora melhor” (GRANADOS, 1976, p. 3).

6 | ABANDONO DA CASA

Muitas crianças brasileiras saem de suas casas e escolhe a rua como um refúgio contra os abusos sofridos e a única saída para os problemas experimentados nas suas famílias, os conflitos em relacionamentos e a violência intrafamiliar fazem parte dos motivos que levam às crianças a escolher a rua como uma solução alternativa, o que não significa que estar na rua não representa outro tipo de violência em comparação com outras infâncias, razão pela qual, deve se considerar que, em geral, as crianças em situação de rua, são privadas por longos períodos de tempo do que significa morar em ambientes de referência em que as relações interpessoais expressam laços emocionais, estabilidade afetiva e confiança; de modo que, na ausência da família ou a rejeição, as alternativas que se seguem à criança são o abandono, ou acabam na casa de outros parentes, sejam internados em uma agência estadual ou, finalmente, acabem na rua (BANDERA ET AL., 1994; HUTZ E KOLLER, 1997; VIOLANTE, 1984).

Uma vez que as crianças se instalam na rua, geram redes de apoio, fazendo amizades com outras crianças, desenvolvendo algum tipo de trabalho que gera remuneração e ajuda a sua sobrevivência, o que implica ir criando confiança nas pessoas, algo que é inicialmente esporádico torna-se habitual, o que costumava ser uma atividade que contribuiu para a renda familiar, tornou-se uma renda para a própria subsistência (NEIVA-SILVA & KOLLER, 2002).

De acordo com Granados (1976), a criança colombiana começa a pensar sobre o gaminismo como forma de melhorar sua vida e começa a considerar a opção de abandonar seu lar, antes que isso aconteça, ele já teve contato com diferentes formas de gaminismo, seja nas ruas observando outros meninos vagando, brincando, recebendo dinheiro e implorando comida na rua. Por isso, a decisão de deixar o lar por crianças é associada com

ênfase nos aspectos econômicos e familiares, embora não se possa ignorar que outras motivações são apresentadas, agora bem, segundo Juárez, Fausto & Acervini (1996) quando a saída de casa é por razões econômicas, a possibilidade de voltar para casa é maior, mas quando a causa é por motivos familiares, a separação parece ser uma ordem definitiva.

7.1 A VIDA NA RUA

A vida na rua não proporciona às crianças a necessária mediação entre o mundo e a infância, ao contrário, é um contexto agressivo e ameaçador, a rua não será simplesmente um lugar de circulação, para muitos é um espaço para viver (CRAIDY, 1999), mas como pode ser definida a rua? De acordo com Rosemberg (1996), entendem-se como um logradouro público externo, que inclui avenidas, praças, parques, jardins, feiras, estradas, bem como todos os espaços públicos em torno de instituições ligadas ao comércio, ao esporte, à saúde e à religião, entre outros, no entanto, essa conceituação não deve ser interpretada como literal, pelo contrário, ao se referir à “rua” implica não só compreendê-la como um espaço físico concreto, mas como um contexto onde são estabelecidas e desenvolvidas as principais relações de socialização de crianças e adolescentes que a vivem parcialmente ou completamente.

A vida que as crianças levam na rua, é baseada em ambientes de violência, tensão, onde o medo, a solidão e tudo o que é temporário é destacado, portanto, para sobreviver neste contexto, tanto crianças fisicamente quanto psicologicamente chegam assumir posições individualistas, imediatistas, desconfiantes e violentas (Violante, 1984), nesse sentido Ferreira (1979) afirma:

Entretanto, quando o contato com essa vivência é intensificado e aprofundado, pode-se perceber que, sob a aparência superficial de liberdade e autonomia, está a realidade, bastante cruel, do medo e da insegurança. A vida das ruas é intrinsecamente violenta e instável e é preciso saber manter-se entre essas coordenadas para sobreviver. Para tanto, o menino deve adquirir uma percepção aguçada e crítica do que ocorre à sua volta, tanto ao nível do factual quanto ao nível das relações. (p. 87)

Enfatizando que a vida nas ruas é intrinsecamente violenta e instável e que para permanecer nele devem se adaptar a essas condições, existe outro lugar que é representativo para essas crianças, de acordo com Neiva & Koller (2002), é o espaço adotado como referência para deixar seus pertences ou dormir, eles são geralmente conhecidos como mocós, comumente localizados em becos, lotes vazios, casas abandonadas, edifícios inacabados e até mesmo nas copas das árvores.

Segundo, Jimenez (2012), “a rua era um espaço imprevisível e anônimo; as ruas eram perigosas na medida em que eram oferecidas às crianças sem integrá-las. Ali o menor realizava o seu próprio processo de socialização e encontrava meios perturbadores”

(p. 96). Na rua há um certo tipo de liberdade, a rua não obriga as crianças a ter rotinas, não tem tempo marcado para fazer o que quiser (VOGEL & MELLO, 1991). As ruas foram estabelecidas como um espaço não estruturado. Na rua, a criança pretendia encontrar a liberdade, acreditava poder escapar do conflito familiar e evitar os maus tratos e agressões a que estava sujeito. A rua foi estabelecida como a escola que educou de uma maneira que era própria (JIMENEZ, 2012).

Uma vez que o gamín estava localizado na rua, vivia uma experiência mais do que fantasiosa, de caráter infernal, violenta, insegura e trágica. Os gamines, desde os anos 70, foram amplamente conhecidos pela população como crianças errantes, sem laços familiares fortes, capazes de se associar com bandas e formar um grupo oposto aos adultos, sendo temidos e rejeitados por uma alta porcentagem da sociedade; era visto como a criança que havia quebrado as relações com a família, abandonada, desorientada, com sérios problemas em casa, o que muitas vezes o levou a escolher a rua como fuga (JIMENEZ, 2012).

8 | PARA CONCLUIR

Pode-se afirmar que o problema das crianças de rua, estava gerando uma série de transformações efetivas na dinâmica das cidades que os hospedavam assim, essas mudanças referidas se encontra o aumento da violência, como foi o caso do aumento dos eventos criminosos ocorridos nas grandes cidades nas quais a participação de menores está registrada, nas ruas, essas crianças reconfiguram a imagem de crianças marginalizadas, mostrando diferenças em relação com o resto da sociedade contra a indiferença e a invisibilidade com a qual se destina a virar as costas para um problema latente.

No entanto, eles foram desenvolvendo na rotina diária algumas características que lhes tornaram mais fácil para eles continuar morando nas ruas, escapando da morte diária de tipo social ou físico, essas crianças são geralmente descritas com adjetivos depreciativos e frívolos, por exemplo, como sujos, agressivos, violentos, bandidos, desajustados, viciosos, perversos e vagabundos, bem como são retratados com adjetivos piedosos, como carentes explorados, infelizes, solitários, pobres, mendigos, conseqüentemente, esses termos refletem uma identidade imaginária que apenas parcialmente corresponde ao que essas crianças realmente são.

Finalmente, é evidente o pouco que foi escrito sobre a situação das meninas, o que levaria à formulação de outras reflexões em que se aprofunde nas problemáticas específicas das meninas, retomando as dificuldades que enfrentam no ambiente familiar, uma vez que esses conflitos parecem ser uma das principais causas de sua saída de casa e a chegada das meninas às ruas.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Aida J.; FAUSTO, Ayrton; CERVINI, Ruben. Meninos de rua e meninos na rua: estrutura e dinâmica familiar. In: FAUSTO, Ayrton e CERVINI, Ruben (Org.) **O trabalho e a rua-crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80**. Cortez, 1991. vol. 80, no 2, p. 117-132.
- APTEKAR, Lewis; ABEBE, Behailu. Conflict in the Neighborhood Street and Working Children in the Public Space. **Childhood**, vol. 4, no 4, p. 477-490. 1996.
- BANDEIRA, D. R., KOLLER, S. H., HUTZ, C. S; FORSTER, L. O cotidiano de meninos e meninas de rua. In: XVII International School Psychology Colloquium. 1994.
- CRAIDY, Carmem Maria. **Meninos de rua e analfabetismo**. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.
- DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Uma breve história do Brasil**. Planeta, 2010.
- FERREIRA, Rosa Maria Fischer. **Meninos da rua: expectativas e valores de menores marginalizados em São Paulo**. Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, 1979.
- GOMES DA COSTA, Antonio Carlos. **Niños y niñas de la calle**: vida, pasión y muerte. Colección Derechos. UNICEF, Argentina, 1997.
- GRANADOS, Téllez, Marcos F. **Gamines**. Pontificia Universidad Javeriana, Departamento de Ciencias Religiosas, Colombia, 1976.
- HUTZ, Claudio S.; KOLLER, Silvia H. Methodological and ethical issues in research with street children. **New Directions for Child and Adolescent Development**, vol. 1999, no 85, p. 59-70. 1999.
- JIMENEZ, Becerra, Absálon. Infancia. Ruptura y discontinuidades de su historia en Colombia. Ecoe Ediciones, 2012.
- JUÁREZ, Eduardo; FAUSTO, A.; CERVINI, R. Crianças de rua: Um estudo de suas características demográficas. In: FAUSTO, Ayrton e CERVINI, Ruben (Org.) **O trabalho e a rua-crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80**. Cortez, 1991. vol. 80, no 2, p. 91-115.
- KOLLER, Silvia H.; HUTZ, Cláudio S. Meninos e meninas em situação de rua: dinâmica, diversidade e definição. **Coletâneas da ANPEPP**, vol. 1, no 12, p. 11-34. 1996.
- KOLLER, Silvia Helena. **Julgamento moral pró-social de meninos e meninas de rua**. 1994.
- LUCCHINI, Riccardo. **Enfant de la rue**: identité, sociabilité, drogue. Librairie Droz, 2003.
- MACIEL, Carla; BRITO, Suerde; CAMINO, Leoncio. Caracterização dos meninos em situação de rua de João Pessoa. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 10, no 2, p. 441-447. 1997.
- MORENO, González, Carlos. A. **Aquelas infâncias que nao parecem crianças: hablando de los Pivetes de Brasil y los Gamines de Colombia** (Dissertação Mestrado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Brasil, 2017.
- MUÑOZ, Cecilia; PACHÓN, Ximena. **Gamines**, testimonios. Carlos Valencia Editores. 2ª. Ed. Bogotá. 1980.

NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia Helena. A Rua Como Contexto De Desenvolvimento. In: DA ROCHA LORDELO, Eulina; CARVALHO, Ana Maria Almeida; KOLLER, Sílvia Helena. (Org.). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. Casa do Psicólogo, 2002. Sao Paulo: Casa do Psicólogo – Salvador: Ed. UFBA. 2002. p. 205-230.

RAFAELLI, M. Crianças e adolescentes de rua na América latina: Artful Dodger ou Oliver Twist. **Psicologia: reflexão e crítica**, vol. 9, no 1, p. 123-128. 1996.

RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, I.; BARBOSA, M. L. V. A. Sociedade e família no Brasil contemporâneo: de que menor falamos? In: RIBEIRO, Ivete, et al. **Menor e Sociedade Brasileira**. São Paulo: Edições Loyola. 1987. p. 27-39.

RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. Menores institucionalizados e meninos de rua: os grandes temas de pesquisa na década de 80. In: FAUSTO, Ayrton e CERVINI, Ruben (Org.) **O trabalho e a rua-crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80**. Cortez, 1991. vol. 80, no 2, p. 69-90.

ROJAS, Tafur, Reinaldo. **Filosofia del Gamín**. 1ra. Ed. Marzo 1996.

ROSEMBERG, Fúlvia. Estimativa sobre crianças e adolescentes em situação de rua: Procedimentos de uma pesquisa. **Psicol. reflex. crit**, p. 21-58. 1996.

ROSEMBERG, Fúlvia. O discurso sobre criança de rua na década de 80. **Cadernos de Pesquisa** 41. n. 87, p. 71-81, 1994.

SIQUEIRA, Maria Dilma. A vida escorrendo pelo ralo: as alternativas de existência dos meninos de rua. **Estudos de Psicologia**, vol. 2, no 1, p. 161-174. 1997.

VIOLANTE, Maria Lúcia Vieira. **O dilema do decente malandro**. Cortez Editora, 3ra. Edição. Coleção Teoria e Prática Sociais. 1982.

VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio da Silva. Da casa à rua: a cidade como fascínio e descaminho. In: FAUSTO, Ayrton e CERVINI, Ruben (Org.) **O trabalho e a rua-crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80**. Cortez, 1991. vol. 80, no 2, p. 133-150.

YUNES, Maria Ângela Mattar, et al. **Família vivida e pensada na percepção de crianças em situação de rua**. Paidéia, 11, 47-56. 2001.